Entrevista a Maria da GraÃ§a Marques Pinto, Deputada na Assembleia Municipal de Viseu

22-Jan-2009

"Uma universidade politÃ©cnica de qualidade poderia ser a soluÃ§Ã£o"

"A vantagem do gabinete de crise era haver uma estratÃ©gia concertada"Â

â€œO senhor presidente da CÃ¢mara [de Viseu] ocupa muito espaÃ§o de tempo na assembleiaâ€•

"TambÃ©m
propusemos em plenÃ¡rio, uma recomendaÃ§Ã£o para a implementaÃ§Ã£o do
orÃ§amento participativo. Foi chumbada com os votos contra do PSD."

" (...) uma
outra proposta no grupo de trabalho que procedia Ã revisÃ£o do
regulamento da assembleia, que tambÃ©m nÃ£o foi aceite, que previa outras
medidas facilitadoras: o aumento do tempo reservado Ã intervenÃ§Ã£o dos
cidadÃ£os, que Ã© pouco. "

SÃ£o algumas citaÃ§Ãµes da entrevista ao Jornal do Centro e Radio No AR, leia a entrevista completa!

Maria da GraÃ§a Marques Pinto, coordenadora distrital do Bloco de Esquerda (BE) concorreu nas listas para a Assembleia Municipal de Viseu e conseguiu um feito inÃ©dito: levar o BE Ã quele Ã³rgÃ£o autÃ¡rquico deliberativo. Ao longo dos quatro anos, tem assumido um papel activo na assembleia, ao ponto de ser criticada por alguns deputados pelo nÃºmero de moÃ§Ãµes que apresenta. Uma opiniÃ£o que rejeita ao fazer um balanÃ§o com dados positivos e negativos do Ã³rgÃ£o. As maiores queixas vÃ£o para o presidente da CÃ¢mara de Viseu, Fernando Ruas, acusando de um â€œtemperamento um pouco sanguÃ-neoâ€•, nÃ£o ficando indiferente aos â€œlamentÃ¡veisâ€• ataques pessoais. Nasceu em MoÃ§ambique, viveu em Lisboa, mas hÃ¡ 24 anos trocou a capital por Viseu. Professora de profissÃ£o, hÃ¡ mais de uma dÃ©cada, faz, diariamente, 100 quilÃ³metros entre Viseu e Celorico da Beira. â€œDurante uns anos ainda concorria para tentar ficar mais perto, mas hoje jÃ¡ nem concorroâ€•, confessa, satisfeita pela estabilidade na escola â€œem termos pessoais pedagÃ³gicosâ€•. â€œSinto-me uma viseenseâ€•. A frase justifica a forma como resolveu abraÃ§ar a polÃ-tica local. Em ano de eleiÃ§Ãµes, nÃ£o abre o jogo e diz que nÃ£o tem â€œnada na mangaâ€• para os actos eleitorais que se avizinham.

Como se sente ao ser a Ãºnica deputada do Bloco de Esquerda (BE) na Assembleia Municipal de Viseu (AMV)?

Se sinto algum constrangimento ou algum mal-estar?

Ou, pelo contrÃ¡rio, alguma satisfaÃ§Ã£o?

Nas primeiras sessÃµes, embora nÃ£o me sentisse constrangida, apercebi-me de uma certa curiosidade, de alguma expectativa e de uma atenÃ§Ã£o muito concentrada por ser a Ãºnica.

Isso foi motivador?

Foi um desafio e qualquer desafio, uma nova experiÃªncia, Ã© sempre estimulante. Entre as minhas tarefas polÃ-ticas, nunca tinha sido membro de uma assembleia municipal e a assembleia foi uma experiÃªncia nova.

O que encontrou corresponde ao que estava Ã espera?

De alguma forma sim. Eu jÃ¡ acompanhava os trabalhos como munÃ-cipe.

Faz parte de um grupo pequeno, porque os munÃ-cipes interessados na assembleia municipal sÃ£o muito poucos.

Felizmente, nos Ãºltimos tempos, jÃ¡ se vÃªm mais cidadÃ£os nas bancadas reservadas ao pÃºblico, Ã© muito estimulante para quem estÃ¡ ali.

Essa foi uma das surpresas?

Foi. Mas as condiÃ§Ãµes que existem para os cidadÃ£os nÃ£o favorecem, de forma nenhuma, a participaÃ§Ã£o. Muitos cidadÃ£os trabalham, nÃ£o tÃªm condiÃ§Ãµes para estar ali horas Ã espera que a assembleia termine.

Qual Ã© a proposta alternativa?

Fizemo-la logo a seguir Ã tomada de posse (Dezembro de 2005), propusemos que o perÃ-odo reservado ao pÃºblico, em vez de ficar para o perÃ-odo depois da ordem do dia, fosse antes da ordem do dia. A vantagem era que, o cidadÃ£o sabia a que horas comeÃ§ava a assembleia, organizava a sua vida, fazia a sua intervenÃ§Ã£o e ia Ã sua vida.

Mas a proposta foi chumbada.

Foi chumbada e a justificaÃ§Ã£o foi que essa participaÃ§Ã£o podia condicionar os trabalhos da assembleia. A justificaÃ§Ã£o nÃ£o foi bem explÃ-cita, mas apercebi-me de algum receio.

O BE defende o modelo de uma assembleia mais participativa?

Exactamente, logo no inÃ-cio [do mandato] apresentÃ¡mos uma outra proposta no grupo de trabalho que procedia Ã revisÃ£o do regulamento da assembleia, que tambÃ©m nÃ£o foi aceite, que previa outras medidas facilitadoras: o aumento do tempo reservado Ã intervenÃ§Ã£o dos cidadÃ£os, que Ã© pouco. TambÃ©m propusemos em plenÃ¡rio, uma recomendaÃ§Ã£o para a implementaÃ§Ã£o do orÃ§amento participativo. Foi chumbada com os votos contra do PSD.

Justifica-se "arrastar" uma assembleia durante todo o dia?

Qualquer assembleia municipal estÃ¡ muito limitada nas suas funÃ§Ãµes, tem sobretudo uma funÃ§Ã£o fiscalizadora e muito pouco deliberativa, de intervenÃ§Ã£o e de propositura, porque nÃ³s sÃ³ podemos apresentar recomendaÃ§Ãµes, recomendaÃ§Ãµes essas que nÃ£o vinculam. Quem marca a agenda Ã© o executivo camarÃ¡rio, porque, normalmente, vem na sequÃªncia de reuniÃµes camarÃ¡rias. A Ãºnica hipÃ³tese que diversos grupos com assento na assembleia tÃªm de agendar situaÃ§Ãµes importantes para o concelho Ã© no perÃ-odo antes da ordem do dia, embora, muitas vezes, se entre num pingue-pongue de disputas mais de estilo.

Que comentÃ¡rio lhe merece esse "pingue-pongue"?

Ã‰ o que menos gosto, Ã s vezes, perde-se muito tempo com pequenas tricasâ€¦

Quais os aspectos positivos que destaca na Assembleia Municipal de Viseu?

Gostaria de realÃ§ar alguns momentos em que os interesses e os anseios das populaÃ§Ãµes se sobrepuseram a divergÃªncias polÃ-tico-partidÃ¡rias e Ã s rivalidades entre partidos. Vou dar exemplos exemplos: a universidade pÃºblica, na Ãºltima assembleia foi aprovada uma moÃ§Ã£o, embora tenha aparecido de um grupo minoritÃ¡rio (BE); a solidariedade com os professores. NÃ£o sempre, mas hÃ¡ momentos gratificantes.

Mas hÃ¡ muitos outros em que nÃ£o Ã© assim e ouvimos com frequÃªncia a crÃ-tica de elementos da oposiÃ§Ã£o, de que a maioria do PSD Ã© um rolo compressor que esmaga qualquer ideia que saia dos outros partidos. Concorda?

HÃ¡ excepÃ§Ãµes e tem a ver com a consciÃªncia de que estÃ¡ em jogo o interesse dos cidadÃ£os. No geral tÃªm razÃ£o. NÃ£o posso deixar de o dizer: o senhor presidente da CÃ¢mara [de Viseu, Fernando Ruas] ocupa muito espaÃ§o de tempo naquela assembleia, por temperamento.

O BE, na Ãºltima reuniÃ£o, apresentou trÃªs moÃ§Ãµes: sobre a criaÃ§Ã£o de um gabinete de crise em Viseu, a universidade politÃ©cnica e a avaliaÃ§Ã£o dos professores. A primeira foi chumbada as duas seguintes foram aprovadas. Teve do seu lado a maioria PSD. Se o Governo fosse do PSD acredita que as propostas passariam?

TÃ-nhamos que ver as questÃµes caso a caso, mas a dupla condiÃ§Ã£o em que deputados estÃ£o na assembleia, muitas vezes sÃ£o deputados nacionais ou ministros [Correia de Campos quando era ministro da SaÃºde], provoca alguns constrangimentos nesses deputados, mas o interesse municipal deveria (sorrisos) deveria sobrepor-se Ã s questÃµes nacionais, porque somos representantes dos munÃ-cipes que confiaram em nÃ³s, mas Ã© uma questÃ£o de poder. Mas isso funciona dos dois lados, tanto Ã© constrangedor para o grupo municipal que Ã© do partido que estÃ¡ no poder, como para os grupos da oposiÃ§Ã£o que trazem para a ordem do dia questÃµes nacionais que constituem um calcanhar de Aquiles.

O BE continua a ser um partido urbano ou jÃ¡ alargou a Ã¡rea de militÃ¢ncia Ã s zonas rurais?

Se formos analisar os resultados nas eleiÃ§Ãµes, temos votaÃ§Ãµes expressivas em concelhos que ficam nos confins do distrito. O que nÃ£o temos ainda Ã© uma intervenÃ§Ã£o continuada Ã altura dessa influÃªncia social eleitoral. E nÃ£o temos, por dificuldades a nÃ-vel logÃ-stico.

Tem percorrido o concelho?

Tentamos estar atentos Ã s necessidades e mantemos contactos com as populaÃ§Ã£o, quer atravÃ©s da ida Ã s terras, quer atravÃ©s de contactos com as prÃ³prias pessoas que nos procuram e colocam problemas.

O ser eleita deputada na AMV serviu para conhecer melhor o concelho?

Indiscutivelmente, nÃ£o sÃ³ atravÃ©s das deslocaÃ§Ãµes, mas por estar mais atenta Ã s questÃµes do concelho.

JÃ¡ sentiu que os presidentes de junta, por vezes, votam ao lado da maioria, para garantirem obra na sua terra, embora contrariados?

JÃ¡. Uma das alteraÃ§Ãµes que achamos fundamental na Lei das FinanÃ§as Locais Ã© que os presidentes das juntas deixem de depender do estender a mÃ£o.

NÃ£o deviam fazer parte da AM?

NÃ³s nÃ£o somos contra a sua presenÃ§a na assembleia, achamos Ã© que deviam ter verbas fixas no orÃ§amento, que os colocasse numa situaÃ§Ã£o mais confortÃ¡vel de independÃªncia e autonomia. Nos orÃ§amentos, aparece um bolo para as autarquias e a forma como Ã© gerido esse bolo, cria uma dependÃªncia muito grande.

Tem vontade de voltar a ser candidata Ã AMV?

NÃ£o tenho apego. Se considerarem que continuo a ser Ãºtilâ€¦nÃ£o decidimos, nem decidimos o figurino.

Carlos Vieira pode voltar a ser candidato Ã CÃ¢mara de Viseu?

Sinceramente, nÃ£o hÃ¡ nada na manga ou a esconder alguma coisa. Mais do que nomes, estamos a discutir um programa de intervenÃ§Ã£o autÃ¡rquica que apresentaremos em breve e, com base nesse programa, estamos abertos a lista que integrem o Bloco, independentes, cidadÃ£os que queira colaborar. Admitimos a hipÃ³tese de integrar listas de independentes, porque o que interessa Ã© o programa e nÃ£o a focalizaÃ§Ã£o. Inclusive, equacionamos a hipÃ³tese de nÃ£o concorrermos com a sigla Bloco de Esquerda, se contribuir para criar uma dinÃ¢mica nova na cidade, atÃ© essa hipÃ³tese equacionamos.

Porque defende um gabinete de crise para o concelho, mesmo depois de anunciadas as medidas da autarquia?

Para situaÃ§Ãµes diferentes e situaÃ§Ãµes muito graves, hÃ¡ que implementar estratÃ©gias diferentes. O senhor presidente da cÃ¢mara [Fernando Ruas] assim nÃ£o o entendeu. Eu tinha apresentado a minha proposta e o senhor presidente, a meio da discussÃ£o da proposta presta um esclarecimento e faz uma intervenÃ§Ã£o elencando as medidas sociais que a cÃ¢mara pretendia e, no meio de um debate de uma sessÃ£o, parece-me excessivo, lanÃ§ou um pouco a confusÃ£o.

O que o presidente disse foi que o gabinete de crise nÃ£o fazia sentido porque a autarquia jÃ¡ tinha avanÃ§ado com uma sÃ©rie de medidas.

Na nossa proposta incluÃ-amos, a tÃ-tulo de exemplo, o apoio Ã s micro e pequenas empresas porque sabemos o que se estÃ¡ a passar com o pequeno comÃ©rcio em Viseu e nÃ£o sÃ³. HÃ¡ municÃ-pios que criaram um cartÃ£o de acesso Ã s mercearias, para fornecimento de alimentos a famÃ-lias comprovadamente em grandes dificuldades.

A autarquia de Viseu estÃ¡ a esquecer-se dos pequenos empresÃ¡rios e dos comerciantes?

O que tem sido feito Ã© curto e nÃ£o responde e em relaÃ§Ã£o aos cidadÃ£os, penso que se podia ter ido muito mais longe na reduÃ§Ã£o das taxas de impostos embora jÃ¡ haja algumas medidas. A grande vantagem do gabinete de crise era haver uma estratÃ©gia concertada entre vÃ¡rios sectores, um entrosamento entre as vÃ¡rias medidas e nÃ£o serem medidas avulsas. NÃ£o estou a tirar mÃ©rito, agora Ã© diferente de uma estratÃ©gia de actuaÃ§Ã£o para fazer face a uma crise.

Porque Ã© que o BE apresentou sÃ³ agora uma moÃ§Ã£o a defender a passado do Instituto PolitÃ©cnico de Viseu a universidade politÃ©cnica?

Houve uma altura em que, recorrentemente, a questÃ£o da universidade pÃºblica era colocada na Assembleia Municipal e eram abordadas moÃ§Ãµes a propÃ³sito da universidade pÃºblica. Depois, foram feitos contactos com vÃ¡rias instituiÃ§Ãµes de ensino superior em Viseu, pÃºblico e privado, no sentido de as auscultar relativamente ao futuro do ensino superior. A ideia da universidade empresarial apareceu recentemente e, de facto, nas Ãºltimas sessÃµes da assembleia, a questÃ£o deixou de ser apresentada, o que Ã© estranho. O prÃ³prio presidente da cÃ¢mara nÃ£o tem batalhado em torno da questÃ£o da universidade pÃºblica, os grupos que antes apresentavam moÃ§Ãµes, deixaram de o fazer. HÃ¡ como que um silÃªncio em torno da universidade pÃºblica, que nos leva a crer que haja um desinvestimento, nesse projecto que corresponde a um anseio dos viseenses.

Rejeita a ideia que foi defendida na AMV, de que nÃ£o fazia sentido estarem a insistir na questÃ£o da universidade, quando o Governo jÃ¡ tinha afirmado que, nesta legislatura, nÃ£o ia haver universidade?

NÃ³s achamos Ã© que o projecto da universidade empresarial aparece um bocado na sequÃªncia desse silÃªncio, nÃ£o estou a dizer que Ã© causa e consequÃªncia, mas aparece e Ã© lanÃ§ada como o embriÃ£o da futura universidade pÃºblica, ou como alternativa. NÃ³s nÃ£o temos nada contra uma universidade empresarial, aliÃ¡s, as associaÃ§Ãµes empresariais de hÃ¡ muito se queixam que Ã© necessÃ¡rio formar quadros para as empresas, que Ã© preciso qualificar os quadros a bem do desenvolvimento econÃ³mico do concelho, e nisso estamos plenamente de acordo, agora, nÃ£o vem Ã© substituir a questÃ£o central que Ã© uma universidade pÃºblica para Viseu.

PolitÃ©cnica ou nÃ£o?

PolitÃ©cnica ou nÃ£o. Uma universidade politÃ©cnica de qualidade parece-nos, neste momento, que poderia ser a soluÃ§Ã£o mais consensual e mais viÃ¡vel.

A partir de agora o BE vai apresentar propostas em todas as reuniÃµes da AM?

SÃ³ para marcar agenda e ter direito a linhas na comunicaÃ§Ã£o social, nÃ£o Ã© nosso princÃ-pio.

Foi acusada de apresentar "propostas ao molho" na Ãºltima assembleia.

Fui acusada muito injustamente, porque, infelizmente, de acordo com o regimento, cada deputado sÃ³ tem 10 minutos, o que nÃ£o nos deixam muito tempo para defender bem as nossas propostas.

Como classifica os momentos de ataques pessoais que se vivem na AMV?

Acho lamentÃ¡veis, tinha a ideia que havia alguns ataques, masâ€¦ designadamente a nÃ-vel pessoal, acho que Ã© muito desagradÃ¡vel trazer para ali insinuaÃ§Ãµes pessoais, que se ficam pela insinuaÃ§Ã£o, quando se estÃ£o a debater ideias.

Acha que o presidente da AMV devia ter um papel relevante nesses momentos?

Eu prezo muito a actuaÃ§Ã£o e a forma como o senhor presidente da assembleia [AntÃ³nio Almeida Henriques] conduz os trabalhos, na minha opiniÃ£o, mas tem um calcanhar de Aquiles. Em alguns momentos deveria ser mais firme, venham de onde vierem as insinuaÃ§Ãµes.

NÃ£o tem forÃ§a para mandar calar o presidente da cÃ¢mara?

NÃ£o queria ir tÃ£o longe. Embora os ataques pessoais sejam mais dirigidos Ã bancada do Partido Socialista, lembro-me de, numa ocasiÃ£o, quando estava a fazer uma intervenÃ§Ã£o sobre o orÃ§amento e o plano de actividades, o senhor presidente da cÃ¢mara, que tem um temperamento que, jÃ¡ lho disse, acho um pouco sanguÃ-neo, respondeu-me: "Se fosse um homem eu sei como resolvia isto". E eu fiquei estupefacta. Achei muito correcta a intervenÃ§Ã£o do senhor deputado Correia de Campos (PS) quando alertou o senhor presidente da assembleia para a necessidade de ser mais firme nas intervenÃ§Ãµes mais inflamadas. O dr. Ruas tem o seu estilo, mas tem que, Ã s vezes, resfriar um bocadinho, convenhamos.

Â

in Jornal do Centro ed. 357, 16 de Janeiro de 2009